NUMERO 1 — MARÇO 1925 — PREÇO 1$50

CONTEMPORANEA

Propriedade: Edições Contemporanea
Composto e impresso na Imp. Libanio da Silva

1.º SUPLEMENTO

Fundador, director e editor: José Pacheco

Armando de Basto

Mário de Sá Carneiro

Afonso de Bragança

Amadeu de Sousa Cardoso

Manuel Jardim

Santa Rita Pintor

Ponce de Leão

Carlos Franco

Os Mortos da Geração Nova

A luta da geração nova contra o meio incompreensivo e hostil tem sido amarga e dolorosa. E' uma luta assinalada já por mortes e suicidios — pelo drama violento da persistencia heroica, que ainda aqui nos volta a reunir, e das subitas quédas dos que o destino-ambiente matou.

Os mortos da geração nova foram assassinados pelo meio hostil, pelos triunfadores da literatura barata, pelos burocraticos que de dentro das situações oficiaes fecham a porta ao valor.

Não acusâmos o destino, porque da sua excessiva tortura surgirá a maior força da geração. Mas acusâmos os que pessoalmente colaboraram na nossa dôr e no assassinato dos nossos irmãos. Acusâmos, sobre tudo, os que tinham o dever de auxiliar a eclosão do grande periodo de explendor português, que é o nosso, o da nossa geração, e, ao contrario, a êle se opuseram tenazmente. Acusâmos os que se serviram das situações literarias adquiridas para lançarem sôbre os novos do momento revolucionário do *«Orfeu»* a suspeita de desiquilibrio.

Acusâmos os velhos, que por espirito de defêsa bruta, vedaram todas as situações aos novos — e a alguns negaram o pão, levando-os á morte. Acusâmos o ambiente social que não encoraja os valores; que, ao contrario, tenta escorraça-los, amesquinha-los — ou mata-los pela asfixia lenta.

Hoje que começâmos a congregar-nos e a tomar consciência do nosso valor, e do nosso dever, cumpre-nos lembrar com saudade e reconhecimento os mortos da geração nova — os nossos mortos.

Mário de Sá Carneiro

Mário de Sá Carneiro foi um dos mais altos criadores do momento revolucionário da geração nova. O seu espirito parece ter sido criado de proposito para o seu destino de renovador, de revolucionario, de adaptador extremamente sensivel das mais modernas correntes literárias. A uma inteligência e sensibilidade imensas juntava uma cultura e um espirito de assimilação excessionais. Poéta renovador de ritmos e sobre tudo de atitudes sensiveis ante a vida e as coisas, de uma sensibilidade ingénua e dôce, quasi meninreira; prosador que modificou a estrutura da prosa; grande e perfeito novelista, analisador de psicologias.

Levaram-no ao suicidio, mas não á falencia do seu sonho de renovação e beleza. Porque da sua vida ficam um belo livro de poémas e algumas das melhores novelas da literatura portuguêsa.

E esta nobre alma de revolucionário, de renovador, de poéta criador, foi torturada e troçada, até que procurou na morte o sôno, o sôno completo e infindavel, pelo suicidio.

Guilherme de Santa Rita

Espirito brilhante, espirito scintilante, puro espirito. A sua obra na geração nova foi realisada pela sua presença, pela sua forte acção pessoal. Não deixou uma obra material porque da época revolucionada, desagregada, toda teoria abstracta, que foi a sua — a época do *«Orfeu»* — êle foi um dos mais apaixonados combatentes. Accionou pelo espirito, pela graça e pela inteligencia — não teve tempo de fazer uma obra material. Ha épocas assim, de tal violência na renovação espiritual que sacrificam alguns dos seus melhores valores. Mas nenhum novo deixará de lembrar a figura de Santa-Rita-Pintor, a sua inteligência e a sua acção sobre a psicologia da geração nova.

«Não é um pintor é um pedaço de arte» disse-se dêle.

Amadeu de Sousa Cardoso

Amadeu de Sousa Cardoso pertenceu ao grupo dos mais avançados teoristas da arte, pintores e poétas, de Paris. Ao grupo de Picasso, de Guillaume Apollinaire. O seu *Album* é ainda hoje considerado em Paris como uma das obras fundamentais dêsse momento. A morte não o deixou aproveitar todas as suas grandes qualidades numa obra de novo equilibrio. Mas ficará como um dos mais activos demolidores e renovadores da nossa mentalidade artistica.

Manuel Jardim

Foi um pintor que, sobre tudo, marcou pela clareza da sua inteligência pictural. Não tem talvez nos seus quadros a intuição criadora. O seu poder de critico, de analisador instintivo das tendências picturais, a maneira quási analitica como pintava, fazem de Manuel Jardim um dos mais característicos pintores da nova geração.

Os seus quadros são belas análises inteligentes, interpretações novas de atitudes picturais.

Afonso de Bragança

Afonso de Bragança é, dos sacrificados da geração nova, um dos que mais sacrificados foi. A sua vida e a sua morte são um lento drama de desencanto que êle suportou sorrindo e fazendo sarcasmos. A sua linha de graça e de perfeita elegância mental nunca se quebrou. Afonso de Bragança veiu acrescentar a sua acção á de Mario de Sá Carneiro na transformação da prosa portuguêsa, [illegible] sua modernização.

Foi um dos [illegible] da [illegible] moderna rápida e fina. Foi um curioso observador das coisas minimas da vida, o que lhe dava uma atitude de aparente humorismo — um humorismo enternecido. Enriqueceu a prosa com imagens imprevistas, simples na sua verdade. Nem a vida, nem o tempo o deixaram criar um livro. Deixou apenas pedaços isolados de prosa, de uma grande novidade de expressão. Lembremos, tambem, que o artigo que apresentava a primeira serie da «Contemporanea» foi escrito por êle e definia bem ésse momento de transição entre o periodo revolucionário e o periodo criador de hoje.

Armando Basto

Pintor instintivo, com todas as qualidades e defeitos de um instinto poderoso que domina o equilibrio da vida, Armando Basto tinha o instinto da materia pictural. Foi designal, incerto, diverso, nos seus quadros, porque era a propria materia pictural que arrastava o seu instinto para aquele feitio. Não é um defeito para aqueles que começam a hesitação, a diversidade, a aceitação de influências estranhas. Armando Basto era um grande e instintivo adaptador de qualidades picturais. Deixa como Manuel Jardim uma obra dispersa e que como a daquêle só em conjunto, depois de reunida, poderia ser analisada com verdade.

O destino perseguiu-o de todas as maneiras e levou-o á morte, como a tantos outros, antes mesmo daquela idade em que a capacidade criadora é perfeita.

Angelo de Lima

Nos sacrificados da geração nova há os que foram assassinados pela fome, os que foram assassinados pelo desprêso, e os que foram assassinados pela loucura. Angelo de Lima foi assassinado assim, pela depressão nervosa, pela dôr mental, com que o levaram a um manicómio e aí arrastaram a sua agonia até ao socêgo da morte.

Já internado no hospital ainda publicou no «Orfeu» alguns poemas em que há algumas, raras mas fortes, notas de beleza. A' sua tortura do lento enlouquecimento disse-a num soneto que é dos grandes sonetos da linguá portuguêsa. A sua obra desapareceu ou dispersou-se inteiramente.

Ponce de Leão

Embora não pertencesse ás correntes modernistas, agitadas, revolucionárias, acompanhou sempre no combate os mais *futuristas* da geração nova. E acompanhou-os naturalmente, instintivamente, porque no teatro português de então o seu espirito de dramaturgo era realmente revolucionário. Ponce de Leão foi uns dos novos dominados pelo prestigio ibseniano e pela directa influência dos «Espectros» que criou a peça de tese médica, de patologia, de fatalidade fisica dominando o individuo. Desta fase influenciada, mas sem mesquinhez, fase preparatoria de alguem que poderia vir a ser um grande dramaturgo, há ainda inéditas muitas peças além de uma publicada. Impedido de triunfar na vida pelo meio inimigo que se fechou ás suas representações, continúa a ser hostilisado na morte. Os seus originais que poderiam marcar uma interessante fase de transição do teatro português, estão talvez perdidos.

Eduardo Metzener

E um lirico de intimo romantismo cuja alma se relevava capaz de colaborar na nova geração.

Marca curiosamente o momento de excesso sentimental que dominou o nosso espirito literário.

Alguns dos livros de Eduardo Metzener poderão por isso, ficar como a melhor marcação dêsse momento.

Carlos Franco

Mário de Sá Carneiro foi de todos os mortos da geração nova o que mais marcou pela sua obra — Carlos Franco o que de todos êles mais marcou pela sua atitude consciente de sacrificio e de belo morrer. Espirito de uma intuição assombrosa. Espirito sempre insatisfeito. E a caracteristica fundamental dos momentos de renovação intensificada, revolucionaria, é esta insatisfação que leva a destruir toda a obra e que leva porfim á morte. Carlos Franco atravessou um momento Paris, improvisou-se por genial intuição pintor scenógrafo e com tal capacidade, que colaborou com Bailly, o grande scenógrafo da *Opera*. Mas a insatisfação de criar não o deixava.

Vem a guerra e Carlos Franco, que era fundamente indisciplinado e anti-militar, vai morrer na guerra como um heroi. Vae morrer por insatisfação, por heroismo, por incapacidade de suportar a volta ao meio estúpido que o expulsara. Antes de morrer escreve: — «sabes como sou anti-militar, mas prefiro morrer de uma bala alemã, a morrer de tédio na minha terra» — Morreu, suicidando-se em espirito, com suprema beleza. Na sua mochila de soldado foram encontrados o «Orfeu» e a «Confissão de Lúcio» de Mário de Sá Carneiro.

Júlio de Vilhena

Foi como Afonso de Bragança um jornalista atirado para a vida e nas suas dificuldades e dôres construindo uma nova interpretação das coisas e um novo estilo.

Foi um dos que pela sua afirmação constante de modernismo e de independência mental ajudou a criar o ambiente em que triunfou a nova concepção da Arte.

António Lima Fragôso

Entre os varios modernistas aniquilados antes de realizada a sua obra definitiva e levados pela morte tambem figura o grande temperamento de músico de António Lima Fragoso.

Foi êle um dos primeiros portuguêses a tentar a criação de uma música moderna, nova, liberta da opressão de escolas alheias cuja hegemonia esmagava as nossas tendências musicais.

No movimento musical de amanhã o seu nome será certamente lembrado como merece.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

A Contemporanea tem o maior prazer em saudar em Sua Ex.ª o senhor Presidente da Republica um intelectual, um artista e um espirito culto e moderno. Lembramos com alegria que Sua Ex.ª pertenceu a um nucleo brilhante de novos, de avançados em arte, que se agruparam em torno de Fialho de Almeida. Pela sua obra literaria merece Sua Ex.ª a admiração dos novos que hoje repetem o mesmo gesto de livre e nova actividade mental e artistica que os combatentes, os [illegible] da geração [illegible] não podem deixar.

Lembrando esta semelhança entre a [illegible] e a nossa obra, [illegible] a Sua Ex.ª [illegible] de todas as provas de admiração e respeito.

O TRIUNFO DOS NOVOS

Não aceitar a evolução inevitavel que representamos é combater a única força invencivel: — a força generosa da nossa idade.

Das gerações dominantes ás gerações novas deve passar-se por uma sucessiva e graduada ligação, baseada no carinho fraternal e na aliança da experimentada sabedoria com a juvenil e generosa impulsividade. Tal combinação torna possivel aos detentores das posições sociais assegurar-se, não só a comunicabilidade com os imediatamente vindouros, mas até e sobretudo, uma expressão real para a propria vida.

Em Portugal, porém, há uma oposição absoluta entre uns e outros; mais do que oposição, porque são diferentes, pensam, conduzem-se e pretendem modalidades independentes dentro dos mesmos campos.

As novas gerações têm que lutar contra os barbaros; os barbaros, no sentido proprio, que falam a nossos ouvidos palavras incompreensiveis de ante-civilização. Aqui, não há nem conflitos de raças, nem de processos, nem de principios: há apenas um lamentavel conflito de linguagens. E dado que nós, os novos, não podemos falar outra lingua, tem de ser os outros quem há-de fazer o esforço de adaptação. O futuro pertence-nos e êle é a única justificação do presente.

Esta diferença constitucional leva os novos ao desinteresse por tudo que não seja dêles; e os outros, primeiro, á indignação pelo inesperado e inverosimil, depois, ao ódio pela persistente posição de uem se lhes opoz.

Procuremos por nossas mãos lançar, senão as bases da ordem nova, pelo menos as bases de uma confraria compativel com a nossa vida espiritual e moral, que torne possivel ámanhã essa ordem porque nos batemos.

Vivamos longe de vaidades e integramente superiores ás ambições comuns.

Tenhamos o culto da competência e sejamos intransigentes. Já é tempo de separar o trigo do joio. Acabemos com os espantalhos que a nossa piedade tem consentido, tolerando os momos com que eles se justificam.

Conf[illegible]mos no nosso destino, na missão que necessariamente tem de ser desempenhada por nós, na renovação da vida.

Sejamos singularmente pessoais nesta ânsia ilimitada de servir a colectividade que sonhamos e que, sem ser vista concretamente no tempo, a fé torna possivel.

Mesmo que a razão portuguêsa seja dentro da vida de alguns uma razão politica, de ambiente, apenas o lugar-temporal da sua vida, tomêmo-la como a única capaz de nos juntar.

Vivemos no borborinho dos desordenados. E facil é aos outros, aos que nos detestam por sentir que o nosso triunfo, a nossa simples presença, é a ruina dêles, fazer da nossa desorganisação o pretexto do combate que nos movem.

O periodo essencialmente dificil, para nós, é este intermediário, em que jogamos a propria vida.

E' preciso uma energia excepcional para vencer; é preciso a heroicidade inglória dos pequenos triunfos, das vitórias intimas e recolhidas, que o são apenas para nós, por constituirem sucessivas realizações dentro do caminho firmemente traçado. Após a dureza das primeiras campanhas virá inevitavelmente o nosso dominio.

Os outros, os imp[illegible] inimigos, não compreendem que a sua cegueir[illegible] não compreendem que negando-se a aceitar a nossa hora se fecham irremediavelmente no passado, e não admitem nenhuma solução.

Para esses, que não conseguem descortinar a nossa razão, resta um argumento: o poder indomavel que nos dá o tempo.

Nos homens, entre a velhice de uns e a mocidade de outros, há sempre uma ligação: — a vida. A renovação que representamos não é para eles sintoma de vida, mas grito de destruição. Está aí a sua maior incompetência.

Prossigamos no nosso caminho. Que cada um compreenda a enorme força que representa e não se esqueça da colaboração que deve. E, dentro em pouco, teremos demonstrado definitivamente como é nosso e bem nosso o nosso lugar.

CELESTINO SOARES

FRANCISCO FRANCO
Busto do pintor Manuel Jardim

ALMADA

VIDA LITERARIA

Obra realisada

Antonio Ferro, que chegou ha pouco de Paris, contou-me da ternura com que os escriptores doutras gerações falam da geração dos novos, de Cocteau, de Giraudoux (que segundo Paul Hazard, se quizesse poderia realisar uma obra definitiva e que afirma que: *Il y a chez lui un sens du caprice, de la grâce primesautière, de l'inattendu qui est tout à fait séduisant et, sous toute cette fantaisie, une sensibilité qui à toujours l'air de ne pas vouloir se montrer par une espèce de pudeur d'elle-même, mais qu'on saisit au passage*), de Carco, de Pierre Hamp, de Thierry Sandro e de muitos outros que enchem neste instante as vitrines dos livreiros de Paris. Entre uns e outros não ha barreiras, orgulhos mindos a separa-los, a desuni-los. Uns chegam e outros partem, sem que estes pretendam ridicularizar os novos trabalhadores, que surgem de todos os lados, dos quatro pontos cardiaes da França.

Em Lisboa não, dá-se o fenomeno inverso. Para a geração passada, só os novos que iniciam a sua carreira manejando processos velhos, têm valor.

Os outros, não — aqueles que têm rithmos novos dentro de si, que possuem horisontes diferentes, que sentem a vida de uma forma desigual e realisam a seu modo os sonhos varios das suas almas de artistas insatisfeitos e renovadores — esses, são os falhados, os futeis, os modernistas, os que nada valem — enfim — os doidos!

E' assim que os criticos olham a obra dos novos, que não podendo ser ainda definitiva, é já alguma coisa, é muito, se nós estabelecermos o paralelo entre a obra da geração que parte e a da que começa. Em Portugal, ha mais. Os campos estão divididos. Cada um tem o seu grupo, a sua torre de marfim. Quem não pertence a esse grupo não tem o direito de caminhar na vida, negam-se-lhe todas as faculdades, é zero. Não é citado. Bloqueia-se, aniquila-se, troça-se, caricaturiza-se, alcunha-se. Não se respeita a sua obra. Espalha-se o boato que faliu, que não existe.

Ha novos, que foram levados ao suicidio, porque o ambiente lhes segredou que o caminho era o da morte. Entre eles, recordo Mario de Sá-Carneiro, que foi meu companheiro no bacharelato e a quem Lisboa ordenou que procurasse Paris.

Desta campanha, iniciada no subsolo mental de Lisboa, resultou o complecto divorcio entre as gerações literarias.

Chegaram-se a extremos fantasticos! Dum lado gritou-se: abaixo os velhos...

Do outro, porque a coragem faltou, gemeu-se: os novos não existem... São todos doidos!

Iniciou-se a guerra. E' bom acentuar este facto.

Houve um periodo de revolta; e, nesta afirmação, está oculta a razão da ausencia de obra de certos novos, que foram directamente castigados com a luta e que ao ardor da luta se entregaram totalmente.

Procuro, agora, entre os varios livros que possúo, determinar posições e marcar valores. Assim é preciso, desde que de novo vamos entrar a cortar caminho. Que os lugares se acentuem e que cada um de nós saiba escolher a cadeira que lhe foi destinada. Na vida e na Arte, só aqueles que sabem onde está a sua cadeira, triunfam. A cadeira em que o homem se senta, define-o, diz não sei que escriptor francez, que neste momento esqueço, porque prefiro esta frase a toda a sua obra.

Um ensaio sobre a minha geração?

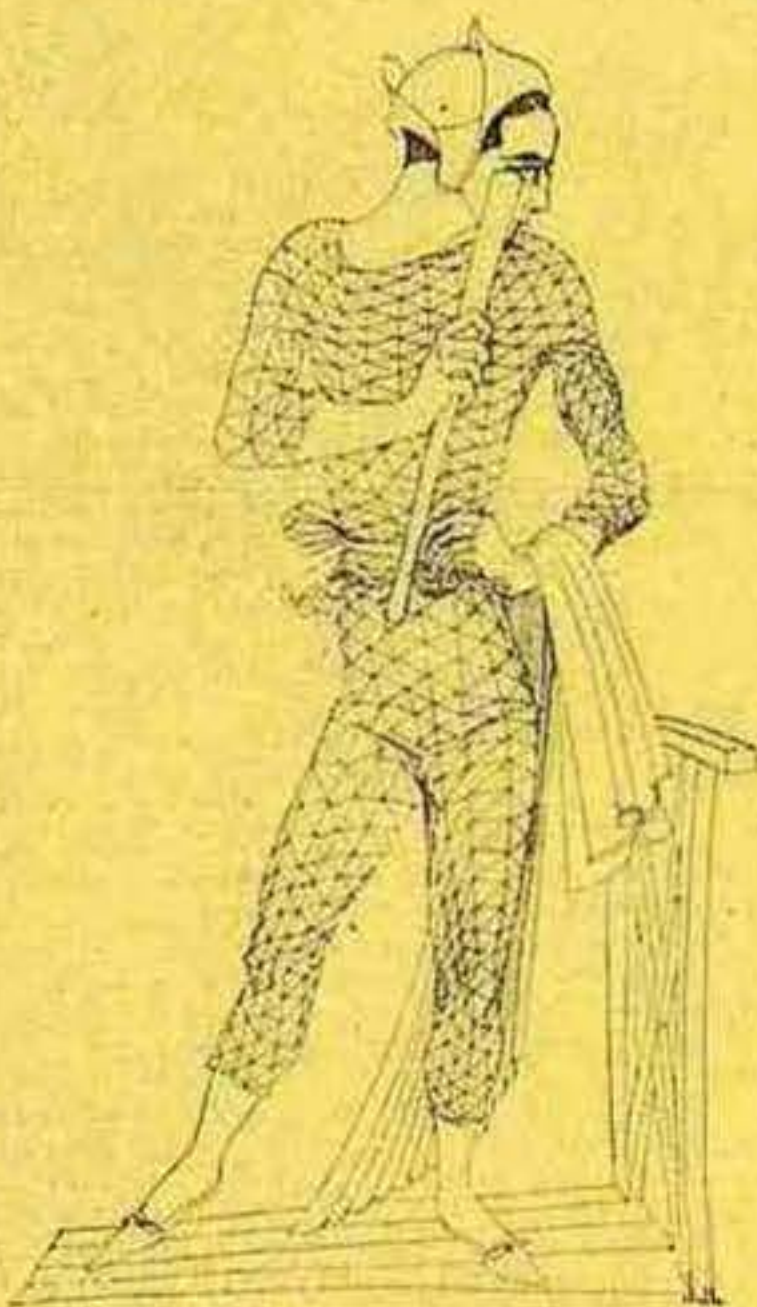
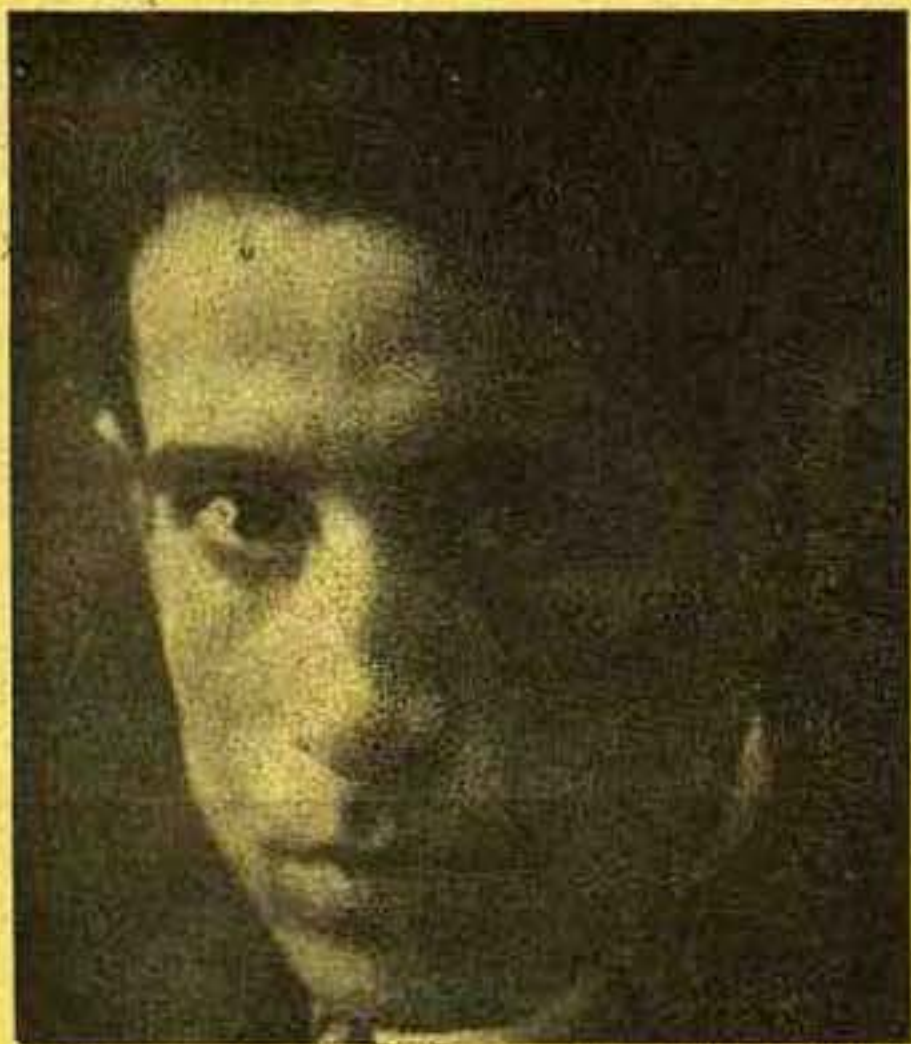
Não. Não é nesta cronica que o posso fazer. Simplesmente o resumo do ultimo ano literario, que fechou silenciosamente, sem que ninguem tivesse uma palavra de aplauso ou de incitamento.

Cito as senhoras, em primeiro lugar. Ha três que recorto, que isolo, que trago para aqui. Fernanda de Castro, que na *Cidade em Flôr*, tem três ou quatro sonetos que são gravuras em madeira, traçadas com mão forte e sentidas por um optimo temperamento de artista. *Versos*, de Maria de Rezende, uma poetisa cheia de forma, tocada de uma hiper-sensibilidade muito rara. Virginia Victorino, que no *Apaixonadamente* é, ainda, a poetisa, em oitava edição dos *Namorados*, que o publico banalisou e que é um livro — um bom livro de versos. Ha mais que esqueci, muito mais, versos, versos a este e aquele, versos que passam por nós como certo vento de outono, agreste e cortante.

A producção feminina, recomenda-se em Portugal pelo excesso e por nos ter evidenciado, as três, que recorto e que são realmente, três poetisas de mérito.

Procuro, agora, abrir caminho na literatura dos novos. *João de Castro* e *Antonio Ferro*, guiam literariamente duas correntes diferentes. *João de Castro*, criador de simbolos, tem já dois livros que o estrangeiro muito bem compreendeu e que passaram desapercebidos em Portugal. *A Horda* e o *Clamor* são duas tragedias bem fundas, vivendo bem no intimo da raça. O seu processo de trabalho é novo em Portugal. Lembram *Claudel*, *Mæterlink* e *d'Annunzio*.

Profundamente originaes, denunciando o temperamento raro do auctor, estes dois livros de *João de Castro*, são o inicio duma obra, que realisada, o colocam junto dos grandes trabalhadores da tragédia. *Antonio Ferro*, que o publico conhece da première agitada do *Mar Alto*, é um criador de frases.

Longe de ser um escriptor futil, á maneira de *Luiz d'Oliveira Guimarães*, *Antonio Ferro*, á semelhança de *Ramón Gómez de la Serna*, é o filosofo das pequenas coisas, é o filosofo do instante. Tudo o interessa, tudo o prende — um sorriso que

ALMADA

O pintor Carlos Porfirio
Que na sua exposição de pintura organizada pela «Contemporanea» obteve um extraordinario exito

se abre ou a sua caneta de tinta permanente. Aparentemente facil, esgrimindo frases numa eterna *Batalha de flôres*.

Não ha desmembramento na sua obra, ha cidades que passam como num écrain.

Alves Martins, cuidou da *Mulher de Bençam* com uma grande ternura lirica.

E', conjunctamente com *João Cabral do Nascimento*, um sonetista neo classico de grande beleza.

Antonio Botto, é um artista de rithmos novos, que nas *Canções*, marcou nuances de forma que o evidenciam poeta e que nas *Curiosidades Estheticas*, conseguiu dominar com beleza a vida.

Entre os poetas raros, recordo, *Garcia Pulido*.

Porque tenho de ser rapido, uma citação equivale a um aplauso.

Ferreira de Castro e Eduardo Frias, um acção e outro sonho.

Reynaldo Ferreira, o maior reporter portuguès, vive inteiramente a hora que passa, consumindo no jornalismo diario o seu talento de novelista.

Julião Quintinha, é um paisagista de tintas fortes que o Alentejo agrilhoou.

José Osorio de Oliveira, critico mordaz e sincero, nutrindo grande admiração por *Oliveira Martins e Eça de Queiroz*, tem um curioso estudo sobre a *Literatura Brasileira*.

A minha geração possue tambem um grupo de dramaturgos, alguns já aplaudidos, outros publicados. Cito: *Norberto Lopes e Chianca de Garcia*, *A Filha de Lazaro*; os *Emigrantes* de *Tito Arantes*, uma peça que foi sacrificada antes da prémiére. *Gastão de Bettencourt e Valerio de Rajanto*, este dramaturgo e novelista, cujas *Ironias*, vão entrar em 2.ª edição.

Ha um romancista que não esqueço, *Assis Esperança*. Tem o seu lugar.

Mais. Em Coimbra, a geração nova tem igualmente valores. *João Ameal*, romancista moderno, intenso, que desprezou Lisboa e conquistou o Porto. *Umberto Araujo*, que no seu ultimo livro *Uma pagina antiga, Cartas de Amor*, justificou plenamente a maneira carinhosa como a critica recebeu as suas *Aguias*. *Victorino Nemésio*, que no *Paço do Milhafre*, prefaciado por *Afonso Lopes Vieira*, entrou victoriosamente na literatura vasta dos novos.

Antonio de Souza, é um poeta á maneira de Augusto Gil, que escreve e cultiva com amor a quadra popular.

Antonio Sardinha, historiador, poeta, ensaista, é apezar da sua intransigencia historica e do seu odio aos judeus, ainda que eivado das doutrinas franco-nacionalistas de *Leon Daudet*, um poeta tradicionalista que a Espanha selecionou, entre os modernos poetas portuguêses.

Homem Cristo, filho, colaborador de *Rachilde* e o *Conde Albert Monsaraz*, são em Paris, dois valores, que a critica acolheu com alvoroço. *Mussolini*, de *Homem Cristo*, filho, é um estudo politico notavel pelo muito que nos revela sobre o dictador italiano.

Junto *Luis de Almeida Braga e Ferreira Monteiro*, porque os dois pertencem a grupos opostos, que se degladiam, atravez das suas revistas. *Luis de Almeida Braga*, no *Significado Nacional da Obra de Camilo*, mostrou que é um investigador curioso e honesto. E' um livro que não afronta a memoria do *Camilo*.

Mario Saa, investigador, poeta, auctor de varios livros sobre *Camões* e duma conferencia erudita sobre o *Bairro Alto*, é, apezar da sua selvista desorientação mental, um catalogador de ideias. Quando acorda do outro lado julga ter descoberto o mundo. E' um novelista original que o *José Rotativo* denunciou.

José Almada Negreiros, o mais original de todos os modernistas, desenhador, pintor, poeta, escriptor, tem uma obra vasta, que documenta bem todas as nuances do seu temperamento.

Está na primeira fila dos grandes modernistas europeus.

Augusto Santa-Rita, poeta e dramaturgo, director das *Fôlhas de Arte*, é um poeta que *O mundo dos meus bonitos*, consagrou.

Encerro a lista. Ha mais, ha muito mais... Porque este artigo é o primeiro duma longa serie, prometo que logo recordarei os outros.

Creio que não esqueci nenhum dos que nos acompanham.. Sei que os outros estão á minha espera, ao voltar da esquina, para me agredirem os idiotas...

A minha Conklin está exgotada... Prometo enchê-la para a outra vez.

A. d'E.

CARTA ABERTA de Oswaldo Andrade a Antonio Ferro

sobre a arte e a litteratura novas no BRAZIL

Meu amigo:

Depois de dar balanço ás idéas e expressões de Paris, quer você fazer-me a distincção de perguntar tambem qualquer coisa sobre o desconhecido Brasil cheio de flores.

Que Brasil?

O Brasil em Paris? Respondo-lhe já. Temos meia duzia de artistas aqui, todos correspondendo ás classificações naturalmente feitas em sua *enquête*.

A pintora Tarsila do Amaral — vanguarda independente — ligando-se aos primeiros cubistas e ao inesquecivel e immenso Amadeu de Souza Cardoso, que vocês tiveram. Nacionalista como elle. Será sempre discutida. Orientará a minoria.

O esculptor Victor Brecheret — admiravel de graves qualidades — força — cyclopismo. Tendencia Salon d'Automne — Será o artista official, cumulado de honras.

A pintora Annita Malfatti — a sensibilidade — a poesia *fauve*. Nossa Marie Laurencin. Possivel. Com outras côres.

O pintor Rego Monteiro — a deformação indigena — a pallidez decorativa. Fujita.

A pintora Angelina Agostini — fortes recursos technicos — obstinada contra os processos modernistas. Salon des Artistes Français.

Quem mais? Tres ou quatro idiotas pensionados pelo governo para borrar telas de azul e amarello e mastigar gesso em Montparnasse.

Alguns interpretes de real merito — Souza Lima, Magda Tagliaferro, Vera Janacopulos.

Essa gente toda — bôa e má — amparada pela correcção e pela bonhomia de Souza Dantas, nosso activo embaixador, cujo tino diplomatico nunca poz de lado preoccupações intellectuaes.

E o Brasil no Brasil? Vejo escuro. Effeitos dos *fogg* deste inverno. Palavra que custo a distinguir. Se vejo pouco, ouço, porém, muito. Ouço, por exemplo, a voz estridula, abelhuda, mexeriqueira do popular academico futurista Graça Aranha, que tem procurado desgraçar a Academia, essa respeitavel instituição tropical que funciona até hoje, no Rio de Janeiro, com o mecanismo do parlamento de D. Pedro 2.° Graça Aranha não se cala, em quanto não fôr esquartejado. Deve-se isso á sua incançavel mocidade de propagandista republicano. Fogoso, irrequieto, impaciente. Uma locomotiva em manobras. Se amanhã as suas formulas futuristas fossem adoptadas por troianos e gregos, falleceria de languido desespero. E' o nosso Marinetti, não ha duvida alguma. O nosso Felippo Taddeo.

Mas quasi nada tenho a articular contra essa prodigiosa vocação tribunicia. De um anno para cá, Graça Aranha segue os meus gestos com uma passividade heroica. Tendo eu pregado o cubismo, afim de levar um pouco de emoção á gelatina dos officiaes no Brasil, elle tornou-se cubista a serio e fez aquelle discurso da Corôa, que por pouco punha metralhadoras no revoltado arcopago sul-americano. Depois, como eu creasse a minha poesia «Pau Brasil», revertendo em favor da nacionalidade nascente os beneficios da renovação mundial das letras e das artes, eil-o enveredado no terreno jacobino das reivindicações brasileiras. Ahi, fingindo ignorar o meu manifesto, amplamente divulgado em Março, pelo «Correio da Manhã», ampliou-o e commentou-o.

Esqueceu-se nessas brilhantes ocasiões de que podia dizer algum bem de Portugal.

Ninguem trabalha mais francamente do que eu pela libertação nacionalista da lingua brasileira e da arte brasileira. Nas minhas campanhas, não me tenho privado de affirmar, mesmo em Lisbôa, quanto nos tem sido nefasta, a prisão do falar brasileiro nos moldes lusitanos. Referi-me em entrevista dada ao «Diario de Lisbôa» em 1923, ao atrazo ocasionado á evolução de nossa lingua propria pelo inutil purismo do Conselheiro Ruy Barbosa. Nossa lingua está tomando caracter tão particular e independente, quanto o inglez falado na America, já o disse Paulo Prado. Os nossos escriptores têm um dever-fixar essa evolução no sentido da sua pura liberdade.

Isso não me impede de ver e admirar os bons exemplos que nos fornece Portugal.

Duas grandes gerações successivas já tiveram representantes portuguezes á altura das mais altas responsabilidades creadas — refiro-me ao movimento symbolista e ao movimento actual. Eugenio de Castro combateu lado a lado com Moreas e Regnier, Antonio Nobre e outros seguiram-n'o, emquanto no Brasil, a coudelaria parnasiana afinava a lyra manca pela barulhada espectral dos poetas de 30 annos atraz. Isso constitue apenas uma vergonha para a nossa historia litteraria. Vergonha que melhor realça o valor da pesquiza portugueza.

Actualmente, se Portugal nos atulha ainda de diccionarios caducos e regras inviaveis de syntaxe e prosodia, manda-nos tambem a jovialidade combativa de você, meu valente Antonio Ferro. Porque, creia-me, a sua conferencia — «A edade do jazz-band», realizada nas principaes cidades do Brazil, abriu lá um respiradouro por onde entraram os barulhos desarticulados da nova Europa, tão necessarios á alma dos nossos dias esportivos e — oh ironia! tão americanos.

A sua estadia entre nós deu apoio á attitude iniciada pelos modernistas de São Paulo, perante os voluveis letrados da capital. Sem você, mesmo com todos os remorsos estheticos do inolvidavel Graça Aranha, estariamos mais atrazados.

Outra lição contemporanea que Portugal nos indica (sem contar a de Amadeu de Souza Cardoso na pintura) é a que eu chamarei de «o phenomeno Aquilino». De facto, reparou V. como Aquilino Ribeiro, sem desconfiar de nada, é um modernista da melhor vanguarda? Eis um caso opposto ao de Graça Aranha (este nome, cantando espalharei por toda a parte). Emquanto Graça é um tijolo academico e mais nada, querendo á viva força figurar numa exposição de motores, Aquilino é um motor que se esconde entre pedras, as pedras da sua serra.

Uma das bases da renovação actualista é, sem duvida, o trabalho sobre o material — esquecido pela importancia anecdotica dos assumptos — a volta ao officio, trahido pela parlapatice esthetica. Ora! pouca gente na litteratura actual, tem mais pujante e vivo o prazer de trabalhar sobre o material — que para o escriptor é a lingua — do que o autor saboroso e novo de «Terras do Demo» e «Via Sinuosa».

A formosa reacção que você produz, desarticulando a sua linguagem, dando-lhe molas imprevistas, fazendo-a agir como um acrobata cinematico, produzindo effeitos desconhecidos de simultaneismo, de dynamismo — elle a completa no duro labor de bater, plasmar e deformar encantadoramente a sua expressão millionaria.

Portugal deve-lhes muito e o Brasil seguramente mais que a Graça Aranha.

Resumo para terminar:

— Qual a mentalidade mais forte do seu paiz?
— Paulo Prado.
— Qual a corrente ahi victoriosa nas artes e nas lettras?
— A minha.
— Os melhores talentos...
— Os meus amigos.
— Os homens horriveis do seu paiz?
— Os meus inimigos, com o Sr. Coelho Netto á frente.
— O peor critico do mundo?
— Chama-se Osorio Duque Estrada. Felismente ninguem o conhece.
— Vem V. a Lisbôa fazer uma conferencia?
— Irei fazer uma conferencia ou duas.
— Sobre?
— Espirito e forma de Paris.

Disponha do OSWALD DE ANDRADE

Retrato do escultor Francisco Franco aos dois anos de edade por seu pae Henrique Franco

A Criação da Geração Nova

1 — *O conceito de geração*

A vida profunda de uma raça em criação espiritual nunca pára, e sem interrupções bruscas que raramente se dão, sem mudanças repentinas, é difícil definir e classificar as gerações que se sucedem. Epocas de transição tôdas o são, no constante movimento interior que anima as civilisações. Mas ha na verdade agrupamentos em volta de ideias fundamentaes e sentimentos opostos, ou consequentes, que permitem classificar as gerações. E dentro das suas actividades, pela energia e capacidade de realisação e pela dose de genio realisador, algumas gerações se destacam com uma obra definitiva. Convencione-se por isso chamar gerações de transição áquelas que pela lenta acumulação de qualidades preparam a geração genial.

E não ha nisto um erro ou uma injustiça, visto que a civilisação desde o seu inicio tem sido dominada por tres ou quatro grandes gerações criadôras. Tão lenta é a formação do genio, e tão difícil á natureza fraca, que os seculos se passam na preparação desses momentos explendorosos e que nós mesmo, infantilmente, assim definimos — o seculo de Péricles, o seculo de Octaviano, o seculo de quinhentos...

E' em relação a esta ideia do movimento das gerações para um seculo de explendor humano, em que uma nova civilisação se define, para depois dominar o mundo durante seculos, — que o conceito de geração pode ser encontrado.

Uma geração não é o agrupamento de pessôas de equivalente idade. E', na sucessão e movimento para um fim instintivamente buscado, o agrupamento de valores em volta de uma ideia fundamental dessa evolução.

A evolução faz-se por sucessivos predominios de uma ideia ou de um sentimento fundamental que serve de eixo a um agrupamento de pessôas e ideias e sentimentos — isto é a uma geração. E as gerações do esplendor pelo mesmo motivo e do mesmo modo se agrupam em tôrno do eixo profundo que é a *alma nacional* lentamente criada pelas sucessivas gerações.

Com este criterio se esplica tambem o fenomeno das epocas dispersivas que não constituem uma geração e, apenas, com valores isolados, tornam possiveis pela sua actividade precursôra os futuros movimentos conjuntos. São epocas em que a evolução hesita entre muitos caminhos, entre influencias várias e as mais variadas tendencias pessoaes. São epocas em que por falta de um animador poderoso, chefe mental incontestado, ou de uma ideia aparente e clara, muitos valores se perdem no isolamento e na fraqueza de uma obra individual desligada das sugestões necessarias da sua epoca.

A geração que devia ter sido constituida em Portugal com os pri- eiros esforços da reacção nacionalista nunca chegou a constituir-se. E serve bem de exemplo a sua actividade dispersa, diminuida pela dispersão e só muito tarde forçadamente agrupada, para definir as fases dispersas das evoluções espirituaes.

O conceito de geração é uma ideia consciente que devemos conhecer e procurar antes de nos agruparmos. Se aqui a discuto é para explicar em quê, como e porquê, a geração de hoje pode e deve constituir uma *geração*. Não bastam afinidades de tempo ou de simpatia.

O criterio de geração como agrupamento de valores independentes em torno de um eixo ideal e sentimental comum, servirá para definir como a evolução e a nossa vontade devem hoje criar uma geração consciente de si e da sua obra em Portugal, após uma tão longa evolução feita para a preparar.

2 — *O genio nacional*.

E, antes de mais nada, é preciso afirmar que a obra humana nada vale senão como elemento constitutivo e componente de um genio nacional. A vida da humanidade faz-se por meio dos organismos *Nações*, que podem mudar de sentido social, de principio aglutinador das forças que as compõem, mas nunca desaparecer.

Só por intermedio desses grupos sociaes a actividade humana se transforma n'uma civilisação, com a disciplina, a liberdade, o genio que a caracterisam. E só com estas civilisações nacionaes pela sua compenetração, e mutua influencia, só pela sua luta e embate a humanidade continúa a sua marcha. Não ha homem de genio que possa criar fora de um ambiente nacional, fora da evolução propria á sua civilisação nacional. E aqueles homens que se expatriam, tentados por outra civilisação, mais brilhante no momento em que vivem, são aniquilados pela fatalidade do conflicto entre as ideias interiores e o ambiente em que teem de desenrolar-se.

Ninguem pode criar fora do destino que a sua raça, o seu genio nacional lhe traçou. Por isso aqueles povos que são apenas momentaneas e meras combinações da politica, como a Belgica, simples provincia da França, não podem isolar-se da civilisação afim, como, no caso citado, Verhaeren, Maeterlinck, Rodenbach, Eekhoud, da civilisação franceza.

Mas, assim como as nações inconsistentes se aniquilam numa outra civilisação, assim fatalmente, apesar de todas as traições, as nações reaes vivem obrigadas a realisar uma finalidade propria, uma muito propria civilisação.

Portugal é, mais do que uma nação, o centro activo de civilisação de um conjunto de nações.

Aqui se formou lentamente o caracter especial de civilisação, o espirito novo, a alma lusiada, a tradição de alma, que hade aproveitar ao Brazil e a Portugal, ás nações que se formarem amanhã em Africa, e por extensão natural ás republicas Hispano-Americanas e até á Peninsula Iberica toda.

Uma civilisação tem sempre um centro onde as circunstancias tradicionaes e o esforço de um dado momento colocaram o eixo da sua criação. Todos os grupos nacionaes que pertencem a esta civilisação nela colaboram mas em torno do espirito iniciador de um deles. Toda a Italia colabora nos dois renascimentos mas em torno de Florença como eixo mais consciente. Toda a Grecia cria e espalha a grande civilisação helena mas em torno de Atenas como eixo e iniciadôra.

Portugal parece indicado, pela sua tradição espiritual, pela sua propria historia de acção, pela actividade renovadora que desde Anthero nos impele, e pela novidade e profundeza de que a nova criação está hoje animada, Portugal está certamente indicado pelas forças das raças ibericas para ser o xeio da nova civilisação.

Esta consciencia, ainda mais do que o dever de não faltar ao principio do nacionalidade, nos deve iluminar sempre e agora sobretudo quando pretendemos com a geração nova fazer, emfim, a obra realisadôra ha tanto esperada.

O genio nacional é para nós mais do que um patrimonio a selar, é o meio de realisarmos a obra de criação, a obra de esplendor que a um mundo europeu fará suceder um mundo iberico que á civilisação europêa em decadencia sobreporá uma civilisação iberica nova, forte, original.

O genio português é para nós o meio de sermos universaes.

O internacionalismo, ou qualquer forma de transigencia com o enfraquecimento da nação é um crime contra as possibilidades da nova criação. E para nós ser internacional é sêr anti-universal. Porque devemos alcançar um novo universalismo pela criação do novo genio nacional, do genio lusiada, (que este nome em honra de *Camões* lhe fique para sempre) do genio lusiada comum a todos os povos ibericos e aqui mais concentrado, mais isolado, mais experimentado pela dôr, mais prestes a iniciar a grande criação.

Para agruparmos em geração precisâmos da consciencia absoluta da obra imensa a realisar e a que não podemos fugir. Criar dentro do genio nacional um novo universalismo — a civilisação iberica, o espirito lusiada.

3 — *O genio nacional é completo*.

Ao falar de genio nacional entendemos, porem, uma caracteristica fundamental da alma humana, um espirito completo, mas caracterisado, pela diferença do seu conjunto, de outros conjuntos alheios. Um genio nacional tem sempre uma actividade completa. Isto quere dizer que repudiâmos em absoluto as categorias, em que uma critica, interessante mas falsa como a de Moniz Barreto, pretendeu separar as actividades nacionaes.

A alma oriental, a alma helenica, a alma germanica, e hoje a alma lusiada, são expressões que significam actividades completas, diferenciadas na sintese, no conjunto, no produto da sua actividade sempre multipla que é uma civilisação. As teorias de Moniz Barreto sobre a caracterisação das almas nacionaes, não representam mais do que um jogo inteligente com as ideias, sem fundamento, nem estudo, nem verdade.

JOÃO DE CASTRO

Uma alma nacional só existe quando é capaz de todas as actividades, misturando-as embora em graus diferentes e diferindo sempre na sua sintese. Na verdade até ao momento de perfeita eclosão e esplendor o genio nacional vae manifestando, conforme as epocas e as suas condições, ora uma ora outra qualidade. Mas no momento da perfeita realisação das suas capacidades é completa a sua actividade. O genio nacional realisa todas as actividades espirituaes marcando-as com a sua caracteristica, com a diferença e a novidade do seu genio. Assim toda a alma nacional tem a sua interpretação da tragedia; do teatro, e portanto a sua visão da realidade; a sua capacidade de ilusão; o seu poder lirico; e exaltação epopaica; o espirito religioso e metafisico.

Não pode uma civilisação basear-se só no pensamento lirico ou só no pensamento racional, ou no metafisico. Um genio nacional para triunfar na sua criação e realisar uma civilisação, tem uma actividade complexa e completa. De resto todas as nações tendem para isso desde que tenham em si principios de vida forte. E ou um genio nacional é completo, ou lentamente desaparece e se integra noutra civilisação.

O erro de Moniz Barreto foi particularmente prejudicial á formação de uma civilisação iberica e em especial á actividade portuguêsa que se empenha na formação da alma lusiada.

A outros paizes já conscientes da sua civilisação não diminuiu ele — para mais escrevendo em português — *negando-lhes* a complexidade necessaria. Mas a Portugal, no momento de extrema sensibilidade em que iniciava a sua criação, esse erro de critica foi das mais perniciosas influencias que temos sofrido. Mais perniciosa ainda porque ninguem se apercebeu directamente dela.

Moniz Barreto não era um ocidental; era uma alta inteligencia mas desenraisada, desnacionalisada pela mestiçagem com sangue oriental.

Ou por isto, ou por excessiva sugeição á cultura do momento estrangeiro não viu com clareza o novo problema, num momento em que ele já tinha despertado pela actividade dos *Dissidentes de Coimbra* e dos seus discipulos.

Importa agora afirmar que a geração nova a formar-se, como fatalmente sucederá, tem que formar-se na oposição categorica ás afirmações de Moniz Barreto. A geração nova tem que formar-se com a afirmação da nova actividade do genio nacional complexo e completo. A geração nova tem

(Continúa na 2.ª coluna da página 8)

ÉCOS

A teimosia dos velhos, em Portugal, teimosia cabeçuda e rabugenta de quem não está para se ralar, forçou os novos, novos pelo Espirito e pela certidão de idade, a criarem o preconceito desagradavel daquela juventude que se conta pelos anos de existência... E que, realmente, em Portugal, devido a uma coincidencia extranha, os campos extremaram-se dessa forma: dum lado os velhos de inteligência bolorenta, do outro os novos a respirar saúde em horizontes largos... Nós sabemos muito bem que a Alma é inimiga do corpo, que é muito possivel encontrar velhos de vinte anos e novos centenários... Pirandello, aos sessenta anos, virou o teatro do avêsso e conseguiu pô-lo novo. Bernard Schaw, perto dos setenta, escreve essa imprevista e singular «Santa Joana». Erick Satie, o grande músico, aos sessenta e tantos, colabora com o turbulento Picabia no bailado «Relâche» e entra, no palco, de automovel, para agradecer as ovações do público. Max Jacob, o rapaz de «Filibuth» e de «Cornet à Dés», tem cincoenta anos. Bakst, o grande iluminador da nossa época, morreu aos quarenta e tantos. Picasso, o autor do cubismo, deve aproximar-se, a passos largos, dos cincoenta. Leger, Brancusi, Lhote, Stravinsky, Carel Marinetti, Georges Kaiser e tantos outros legionarios do novo perderam de vista, ha muito tempo, os trinta anos... Graça Aranha, no Brasil, apesar da carta espirituosissima que o grande e querido Oswald me dirigiu, é um exemplo da mocidade que não abdica dos seus direitos, que se entrincheira no coração e proclama, de lá, os seus direitos... Ao mesmo tempo, lá fora, nos paises que marcham, já passou de moda, ha muito tempo, esta frase infeliz: «O senhor é muito novo...» Quando, por acaso, alguem o diz não é com a intenção de diminuir mas sim com a intenção de exaltar... Ser novo e não ter preconceitos, é compreender a época em que se vive, é ser descobridor... A frase, de resto, em França, na Italia, na Alemanha, na Inglaterra, em quási toda a parte, aplica-se, indiferentemente, a rapazes de vinte anos ou a rapazes de cincoenta...

Igualmente, em todo o mundo literario civilizado, a Arte não é, e nunca foi, unilateral... Para se alcançar o alvará de escritor não é necessário ler por esta ou por aquela cartilha: basta possuir uma individualidade.

Em Portugal não é assim: os escritores graves, os prosadores «cheios de responsabilidades» que se arrumam dentro duma escola literária como os livros nas prateleiras duma biblioteca, olham, com uma falsa e estulta superioridade, para os fúteis, para os novos, para todos esses insignificantes que não tomam a literatura a sério e a quem a literatura não pode tomar a sério... Em Portugal não seria possivel a glória dum Marcel Proust, dum Max Jacob, dum Apollinaire, dum Cocteau, dum La Serna... Futilidades, bagatelas... Para se ter direito a ser olhado, com respeito, é preciso escrever um volume de quatrocentas páginas a investigar qualquer assunto que não nos interessa ou então não publicar livro nenhum e ser discipulo, nas colunas de qualquer revista soporífera do Pinheiro Maluco.

Criar, inventar, imaginar — é um crime em Portugal. Os que se atrevem a cometer esse crime são condenados pelos grupelhos e maçonarias literárias, a um desdem perpétuo... Os que estiverem comnosco, os que estiverem dentro da «Contemporanea», não têm que apresentar uma certidão de idade, têm que possuir a coragem para cometer o crime, para merecer o honrosissimo desdem...

ANTÓNIO FERRO

A nova direcção do *Sindicato dos Profissionais da Imprensa* estabeleceu, pára a sua gerência, uma orientação que cabe perfeitamente dentro daquela que presidiu à questão dos novos. Felicitamos, por isso, calorosamente os novos directores, alguns dos quais têm prestado valiosos serviços à nova geração. Referimo-nos a Julião Quintinha, Artur Portela e Jaime Brasil.

NOTICIARAM os jornais de 7 de Fevereiro último que a Sociedade Nacional de Belas Artes, em reunião da véspera, presidida pelo inevitável Senhor Adães Bermudes, se ocupara da reorganização do ensino de Belas Artes, ouvindo e encarregando do seu estudo os sócios Cesar Barreiros, entalhador, e Afonso Branco, funcionário de finanças.

Este primeiro folguêdo carnavalesco foi seguido de uma conferência humorística pelo sócio Tertuliano Marques, arquitecto, em sábado gordo, e bailes de máscaras nêsse dia e na segunda-feira de Carnaval.

CONSTA-NOS que está requerida uma reunião da Assembleia Geral da S. N. B. A. pára se ocupar de injustas tabelas aplicadas aos expositores do Salão de Outôno.

COUBE à *Contemporanea* anunciar em Portugal um Salão de Outôno, isto é, um salão de Arte moderna em que o critério de selecção seja, ao contrario dos salões oficiaes, a audácia, a personalidade, o modernismo, a revolta contra as formas consagradas, não por principio, mas por expansão da energia pessoal.

A doença prolongada de José Pacheco não a deixou levar a efeito esta bela ideia.

Felizmente, Eduardo Viana foi alguem capaz de a retomar e de a levar a efeito. Por isso, e pelo seu justo triunfo, merece Eduardo Viana todo o nosso louvor e aplauso.

EM virtude de a tipografia encomendada pela *Contemporanea* não ter chegado a tempo e da doença prolongada do seu director, o arquitecto Sr. José Pacheco, não tem podido sair o número especial da revista dedicado a Camões. A *Contemporanea* sai brevemente completamente remodelada, fixando a data do seu aparecimento mensal.

A QUESTÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

No *Seculo da Noite* de 4 de Setembro de 1921, sob o titulo de *Os Sonhos da Geração Nova. A conquista da Sociedade Nacional de Belas Artes*, publicou se, com a forma de entrevista, o relato de uma conversa surpreendida num café de Lisboa, entre varios artistas moços. Revelava o jornalista que perto de cem propostas de novos sócios tinham sido apresentadas na Sociedade Nacional de Belas Artes, os quais pretendiam transformar a velha agremiação. *Queriam ajudar a fazer alguma coisa, porque, a Sociedade, tal como estava, apenas com uma exposição anual, não correspondia ao seu fim. Era preciso trabalhar, acabar com a pseudo rivalidade entre novos e velhos. Vamos todos de peito bem aberto, não levamos ideias premeditadas contra ninguem. Queremos apenas trabalhar para que se faça arte em Portugal* — disse um dos entrevistados. E continuou: — *O nosso programa é fazer arte. Amiudar as exposições, organizar festas, bailes, chás, concêrtos, representações, onde o público (um publico selecto, está bem de ver) veja muito aquilo que é necessário, aquilo de que todos nós sentimos a necessidade urgente, — uma comunhão mais ampla de ideal! Primeiro do que tudo tencionamos propôr à Assemblêia Geral novas fontes de receita, e, à medida que o orçamento fôr aumentando, iremos efectivando o nosso programa, que vai desde a realização de grandes bailes ao ar livre, à organização dos jogos olimpicos nacionais. Fazer arte em todas as suas manifestações é o nosso programa.*

Com tão simples palavras, e tão francos e abertos propósitos, se iniciou uma das mais violentas, das mais longas e das mais tristes questões que têm absorvido as atenções do público, nos últimos anos. *A questão das Belas Artes, a questão dos novos*, foi uma prova definitiva da incompatibilidade entre a honestidade dos novos e a senilidade dos outros, daquêles que oficialmente pretendem representar uma vida que asfixiam. Propositadamente transcrevemos as palavras que traduziram o inicio da louvavel atitude que gerou o conflito, porque, querendo provar serenamente, decorridos cêrca de quatro anos, quanto eram razoaveis os nossos intentos, não temos mais que copiar documentos e relatar os actos porque nós e outros testemunharam o seu modo de acção. Vamos, pois, reconstituir, na sua rigorosa sucessão, os acontecimentos.

Os novos pretendem legitimamente ingressar numa instituição de utilidade pública, protegida pelo Estado

A S. N. B. A., aprovada, por alvará de 16 de Março de 1901, reconhecida como instituição de utilidade pública por carta de lei de 29 de Junho de 1914, é a sucessora de três grupos: a *Sociedade Promotora de Belas Artes em Portugal*, fundada em 1861, o *Grupo do Leão*, fundado em 1880 e o *Grémio Artistico*, fundado em 1890. Pelos seus salões, e pela atividade e renome dos seus antigos dirigentes, representava todo o periodo de intenso trabalho do último quartel do século XIX e do começo do século. Justo era, portanto, que os moços artistas, antes de desfraldarem uma bandeira própria; antes de procurarem isolados um ambiente para as suas construções, se dirigissem à instituição, *de utilidade pública*, expressamente destinada a iniciativas semelhantes, para que ela lhes desse o devido acolhimento.

Não havia, no plano dêles, nem malevolência, nem menosprezo. As suas atitudes foram sempre claras, públicas e anunciadas. Em vez de procurarem o ingresso disfarçado e lento, preferiram a entrada em massa, como correspondendo a um fim que se não devia ocultar. E assim, nos termos regulamentares, os Srs. José Pacheco, Celestino Soares, Leitão de Barros e Rui Vaz, sócios da Sociedade, subscreveram as propostas de admissão dos seus amigos, as quais eram inicialmente cêrca de cem, mas que, decorridos poucos mêses — à data em que a Sociedade, pela violência, pôs termo ao incidente — já atingiam o número de cento e oitenta.

Foram essas propostas entregues, e o plano de trabalhos que os novos defendiam foi tornado público, por meio de entrevistas e artigos de jornal, em que se explicavam e defendiam as opiniões expressas na entrevista acima citada (¹).

Os directores da Sociedade iniciam uma campanha de descrédito contra os novos

Começou a constar que a Direcção da S. N. B. A., a quem, nos termos dos Estatutos, competia pronunciar-se sobre a admissão dos novos sócios, se alarmara com o ingresso em massa de artistas moços e via nesse acto, não os propósitos confessados, mas a intenção oculta de assaltar a Sociedade, expulsando os seus corpos dirigentes e perturbando as faceis e estereis iniciativas dos seus senhores.

A Direcção demitiu-se e, com esse pretexto, não se pronunciou.

Em uma entrevista dada à *Epoca*, em 13-9-21, o escultor Francisco Santos declarou: — *Que a Direcção estava demissionária por motivos independentes do movimento dos novos e que estes seriam acolhidos abertamente. Acrescentando que a novidade não estava, como eles supunham, do seu lado, porquanto a Direcção a que presidia tinha de há muito os mesmos intenções.*

Mas a sua entrevista, cheia de um forçado humorismo que estava muito longe das maneiras habituais do entrevistado, revelava, como os factos provaram, muito oposta opinião.

Pessoalmente, declarou à Direcção aos proponentes que o caso — contra todas as regras — seria submetido à apreciação da Assemblêia Geral. E logo arranjou apaniguados que começaram uma campanha contra os novos e contra os seus orientadores.

Surgiu em 16-9-21, na *Imprensa da Manhã*, com uma carta, o Sr. Diniz, que defendia uma doutrina estranha, pois protestava contra *a irreverência que se procura cometer, preterindo os direitos dos velhos e gloriosos artistas portuguêses. Mais do que irreverência, um crime.* Dizia ainda que a Sociedade representava uma classe e que *«quem dela (classe) não fizer parte, nos seus interesses não tem, nem pode ter, interferências»*. E concluia: — *«Ser sócio da S. N. B. A. é uma honra e honras não se concedem aos centos»*. Estavam abertas as hostilidades. À sinceridade e à inteligência respondia-se com a mentira e com a deturpação.

A Sociedade não era privativa dos artistas, não tinha o caracter duma associação de classe. O proprio escultor Francisco Santos o declarara, na citada entrevista da *Epoca* (13-9-21), nos seguintes termos: — *«Nós, que contamos entre os* quatrocentos *sócios da Sociedade* cerca de quarenta artistas *e inúmeros escritores de cotação.* Isto é, o defensor da classe ignorava que essa classe correspondia apenas à decima parte dos sócios; ignorava que aonde estavam escritores, médicos, advogados, comerciantes, empregados públicos, proprietários e, até, firmas comerciais, podiam estar outros novos, das mesmas profissões; ignorava que cem novos sócios, em relação a *quatrocentos* sócios antigos, representavam apenas a quinta parte do total com que ficaria a Sociedade; ignorava que êsse quinto não podia legalmente prejudicar os quatro quintos restantes; ignorava que se porventura êles um dia tivessem maioria nas votações era porque o seu grupo era activo e presente, tendo portanto toda a fôrça razoavel e proporcional à sua comparticipação na vida social; ignorava mesmo que os novos não pretendiam assaltar e que, dos velhos e gloriosos fundadores do Grupo do Leão, aquêles que ainda viviam, estavam abertamente com os novos, como se verificou. E como ignorava tudo, não percebia nada e queria um pretexto para tentar sair do anonimato — que logo o retomou — chamava um crime aquilo que era acto benemérito, generoso e forte. Começava a calúnia, começava a mentira, começava o propósito de iludir a realidade, procurando convencer a opinião pública de que os novos queriam irreverentemente expulsar os velhos artistas de posições conquistadas com merito e trabalho — como se os certames anuais da Sociedade e a sua absoluta indiferença pela vida das belas artes não constituissem, muito ao contrario do que faziam crer, uma prova de irremediavel incompetência.

O papel do director Simões de Almeida, Sobrinho

Um desconhecido rompera o fôgo. Logo um inconsiderado sócio-director, o Sr. Simões de Almeida, Sobrinho, deu em 20-9-21 uma entrevista pára a *Epoca*, em cujos termos grosseiros — bem dêle — afirmava que toda a obra dos novos, que pára a Sociedade queriam entrar (com excepção da de Eduardo Viana) não era mais do que *«uma imbecilidade pegada, para não dizer pior...»*

¿Quem eram os propostos? Francisco Smith, o pintor que por três vezes expusera individualmente na Galeria Davembez, e merecera criticas favoraveis a Henry Bataille e a Pierre Mortier; Ernesto do Canto, o escultor discipulo de Júlio António e de Bordaille, que vendera todos os trabalhos que expusera na Suiça, em Paris e em Madrid e merecera a uma revista americana um número especial sobre a sua obra; o pintor Manuel Jardim, que expusera no Salon de 1911; o maestro Rui Coelho, já então consagrado em Berlim e Paris, com criticas de Vincent d'Indy, Paul Dukas e Ravel; o arquitecto Raul Lino; o escritor Alfredo Cortez; Almada Negreiros; o escultor Francisco Franco; o poeta Alberto de Monsaraz então director de *A Monarquia*; o escultor Diogo de Macêdo, que expusera com sucesso em Portugal, na França e na Espanha; o escritor António Ferro, então director da *Ilustração Portuguêsa*; o poeta Lebre e Lima, Secretário da Embaixada no Rio de Janeiro; o escritor Veiga Simões, então Ministro em Viena de Austria, que a própria Sociedade, que o regeitara, se viu obrigada a proclamar seu sócio honorário, pela protecção dispensada às Belas Artes, quando Ministro dos Negócios Estrangeiros; o professor Alexandre Rey Colaço; a actriz Amelia Rey Colaço; ao todo com nomes conhecidos e respeitados, de pessoas sobre quem se não podia lançar a minima suspeição.

¿E quem era o Sr. Simões Sobrinho? Dir-se-ia, pelo seu falar arrogante e livre, que se tratava de um artista de renome e impoluto. Não temos necessidade de recordar aqui as fontes da inspiração dêsse escultor (²). No entanto, se este passo sugerir objecções, provaremos até aonde poderemos levar a nossa documentada opinião.

Uma solução conciliatória que propusemos e foi rejeitada por conselho de Adães Bermudes

A questão trazida assim por êles pára o campo pessoal — em que nós nunca a colocáramos e de que sempre, com excepcional espirito de tolerância, a procuramos afastar, veiu irritar os amigos dos empresários das Belas Artes e originou a vergonhosa sucessão dos acontecimentos.

Procuramos ainda demover a Direcção. Alvitramos-lhe o seguinte:

1.º — A Direcção votava imediatamente a admissão dos sócios propostos, os quais, nos termos do art.º 12.º dos Estatutos, só, decorridos 12 mêses, podiam ser considerados em plena efectividade, não influindo portanto nos corpos gerentes senão na gerência de 1923;

2.º — Estes sócios organizariam dentro da séde da Sociedade, nos termos regulamentares, um grupo que executasse o seu programa, sem prejuizo dos certames normais, nem de quaisquer outras iniciativas da Direcção.

Esta proposta significava de maneira clara que os novos se dispunham a aceitar rigorosamente o *statu quo ante* da Sociedade e apenas desejavam utilizar-se das suas salas pára exposições, festas e conferências, sem o pagamento da taxa que se lança sôbre estranhos, aproveitando o benefício concedido aos sócios; e que, em troca, traziam para a Sociedade uma importante receita ordinária — a das cotas dos propostos — e as vantagens financeiras da sua atividade.

Pois a Direcção, constituida pelos srs. Francisco Santos, Presidente, BemvindoCeia, Tesoureiro, Severo Portela, Bibliotecário e seus respectivos Secretários e Vogais, declarou mais uma vez que não se pronunciava sôbre a proposta e levava a admissão dos novos candidatos à Assemblêia Geral — porque tal era o arguto conselho do lúcido e diligente inspirador e baluarte da reacção da Sociedade, o Senhor Adães Bermudes.

Como nos apresentámos à Assembleia Geral

Foi convocada a Assemblêia Geral para o dia 12 de Outubro de 1921. Não reuniu por falta de número; os sócios da Sociedade, na sua grande maioria, desinteressaram-se do caso — não davam o seu apoio à Direcção, nem ao Sr. Adães Bermudes. Os proponentes dos novos dirigiram a todos os sócios da S. N. B. A., a seguinte circular:

Ex.mo Sr:

Pelo Sr. Presidente da Assemblêia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi convocada para o dia 12 do corrente uma reunião em que se devia ter apreciado a atitude da Direcção em face de mais de cem propostas de novos sócios que nós tivemos a honra de apresentar.

Não houve número e ficou essa reunião transferida para a próxima quarta-feira, 19, pelas 21 horas, na séde da Sociedade.

Como decerto já é do conhecimento de V. Ex.ª a questão que se vai debater, dispensamo-nos de insistir na sua importância pára a vida da Sociedade e até para a bôa harmonia dos artistas portuguêses, novos e velhos.

Ao propormos a entrada dos novos sócios confiamos na boa fé daquêles que, como nós, já pertenciam à Sociedade de Belas Artes; e porque dêles, e só dêles, depende a solução dêste caso, e ainda porque muito nos interessa conhecer a opinião e voto de V. Ex.ª, tomamos a liberdade de lhe pedir que assista à reunião convocada.

Lisboa, 15 de Outubro de 1921.

(aa) *José Pacheco, Leitão de Barros e Celestino Soares*

Por intermédio dos jornais publicou-se idêntico convite (Cf. *Seculo da Noite*, de 18-10-21). ¿Podiamos ter procedido com mais clareza e com maior lealdade? ¿Havia o desejo de assaltar ou de fazer pressões sôbre quem quer que fosse? ¿Tinham porventura influido na nossa orientação os distúrbios a que se entregavam preconcebidamente os circunspectos representantes da Sociedade?

Esta segunda sessão não se realizou por causa do movimento revolucionário dêsse dia, 19 de Outubro. Como estivesse, durante longo periodo, a cidade em estado de sitio e

COLUMBANO — O GRUPO DO "LEÃO"

Ribeiro Cristino — Manuel Henrique Pinto — João Vaz — José Malhoa — Alberto de Oliveira — Silva Porto — António Ramalho — Criado Manuel — Moura Girão — Columbano — Cr.º António — Brás Martins — Rafael B. Pinheiro — José Rodrigues Vieira

coartado o direito de reunião, só em 17 de Novembro ela se efectuou. Reproduzimos, na integra, o relato do *Seculo*, edição da manhã, de 18-11-21:

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

EFETUOU-SE UMA ASSEMBLÉA TUMULTUOSA

Na Sociedade Nacional de Belas Artes realisou-se hontem pelas 22,30 uma importante reunião para tratar do pedido de demissão da direcção e da admissão de novos socios. Presidiu o sr. Adães Bermudes, secretariado pelos srs. Sant'Ana e José Coelho, tendo sido muito numerosa a concorrencia, se bem que se não notasse a presença dos consagrados.

Antes da reunião ser iniciada, na sala discutia-se acalorada e tumultuosamente. O sr. Marinha de Campos, que não sabemos se é artista, poz, em primeiro logar, uma questão prévia depois transformada em requerimento, pedindo que aquela assembléa geral fosse transformada n'uma reunião secreta. O proponente entendia que deviam ser convidados a saír todos os elementos estranhos á Sociedade de Belas Artes, incluindo os jornalistas, pois muito receava que a referida sessão degenerasse n'um ruidoso escandalo publico.

Os assistentes na sua maioria, aprovaram este requerimento, estabelecendo-se, no emtanto, na sala grande agitação quando começou sendo posto em pratica o desejo do sr. Campos.

O escritor sr. Celestino Soares protestou contra o alvitre do proponente, que ia magoar os jornalistas, de quem todos os artistas, quer sejam novos, quer sejam consagrados, muito dependem.

Falou tambem o sr. Julião Quintinha que, apesar de artista, acompanhou os jornalistas na sua retirada, na qualidade de representante do nosso colega *O Alentejo*.

O sr. Marinha de Campos, depois da saída dos representantes dos jornaes e em face da atitude assumida por muitos dos presentes, apresentou uma moção de louvor á imprensa, que foi aprovada por unanimidade. Sobre o incidente, tornou a fazer uso da palavra o sr. Celestino Soares, suspendendo-se a reunião, em virtude do adeantado da hora. A'manhã, á mesma hora, realisa-se nova sessão.

O procedimento insolito havido hontem na Sociedade de Belas Artes, para com os representantes dos jornaes não precisa ser qualificado. Em assembléas de ferro-viarios e elementos da construção civil, em congressos promovidos por caixeiros em todas as reuniões efetuadas n'um paiz civilisado e que ao mundo como tal se deseja apresentar, aos jornalistas foi sempre indicado um logar de honra que eles sempre souberam ocupar.

Eram artistas, segundo parece, os homens que se reuniram na rua Barata Salgueiro. Um d'eles apresentou uma moção para que da sala fossem expulsas as pessôas extranhas, para que fossem escorraçados os jornalistas. Receava-se o escandalo e pretendia-se evita-lo com alarfarete improprio de homens que dizem viver do pensamento.

O autor da proposta foi o sr. Marinha de Campos. Intitula-se tambem artista este senhor, se bem que nós ignoremos quaes as obras por ele produzidas. Conhecemos vagamente, com tal nome, um antigo revolucionario e oficial de marinha.

Na Sociedade Nacional não estavam hontem, para honra de nós-todos, aqueles artistas da nossa terra que, acima de tudo, prezamos e veneramos. Não se solidarisarão eles, por certo, com a atitude assumida por ilustres desconhecidos, que, pondo de banda os mais elementares principios de inteligencia e bom senso, expulsaram incorrectamente os jornalistas presentes.

Da *Imprensa da Manhã*, de 20-11-21, recortamos o relato da sessão em que os trabalhos se continuaram (19-11-21):

Sociedade Nacional de Belas Artes

A assembleia geral da Sociedade Nacional de Belas Artes prosseguiu ontem nos trabalhos iniciados na quinta-feira ultima e que tanto interesse despertaram no meio artistico, por se ter anunciado que eles [illegible] o inicio da remodelação de uma adesão dessa colectividade.

A' sessão presidiu o sr. Adães Bermudes. O sr. Celestino Soares requereu que a sessão fosse publica, para que a ela podessem assistir os representantes da imprensa. Apesar de um requerimento não poder ser discutido, usaram da palavra os srs. Adães Bermudes e os socios srs. Marinha de Campos, Belo Redondo, Lacerda, Celestino Soares e outros, travando-se discussão, depois do que foi resolvido, por grande maioria, que a imprensa não assistisse. Por ultimo, o sr. presidente declarou que a assembleia tinha a maior consideração por todos os jornais e jornalistas.

Como a assembleia não reconsiderou, julgamo-nos no direito de corresponder á falta de atenção que houve para comnosco, fazendo exactamente o que ela não queria que fizessemos: o relato da sessão. Assim, na primeira parte da ordem da noite — demissão da direcção — foi apresentada uma moção do sr. João Vaz, propondo que se nomeasse uma comissão administrativa composta pelos presidentes das direcções transactas. Depois de grande discussão, esta moção foi tambem rejeitada.

Em seguida, os membros da direcção, do conselho fiscal e da assembleia geral declararam que se consideravam demissionarios, fosse qual fosse a resolução da assembleia. Falaram os srs. Marinha de Campos, que bordou varias considerações; Leitão de Barros, que propôs a nomeação de uma comissão de 9 socios para solucionar o conflito entre a direcção e alguns associados; Paulo Guedes, que propôs um voto de louvor á direcção, e ainda outros socios. Estas propostas foram todas aprovadas, tendo os corpos gerentes resolvido continuar no exercicio dos seus cargos...

Na segunda parte da ordem da noite — admissão de 100 novos socios — foi resolvido não tomar qualquer resolução, emquanto os estatutos não forem reformados numa proxima assembleia geral.

Sabemos que varios jornalistas pensam em convocar uma assembleia geral da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, para se resolver em face da resolução da Sociedade de Belas Artes, não os admitindo em reuniões que, tanto por terem decorrido com serenidade como por tratarem de assuntos que interessam ao movimento artistico do país, deveriam ser do conhecimento publico — se não houvesse, como parece ter havido, o proposito de os agravar.

Por nossa parte, devemos declarar que vamos averiguar quais foram os artistas que rejeitaram o requerimento do sr. Celestino Soares, para não lhes fazermos, de futuro, quaisquer referencias ou aos seus trabalhos.

Os mesmos factos foram largamente referidos, nessa data, pelo *Seculo*, edição matutina, *A Manhã* e outros jornais.

Estava adiada a solução do caso para quando se reformassem os Estatutos. Esta decisão era ilegal, pois a admissão dos sócios tinha de fazer-se, visto ser uma obrigação da Direcção, quando contra os candidatos não surgisse, em devido tempo, qualquer protesto (art. 7.º do Estatuto e seu § único). A decisão implicava alteração dos Estatutos, para que era incompetente a Assembleia que a tomou, nos termos do art. 59.º. Ninguem lhe devia acatamento. Do caso ocuparam-se largamente os jornais [1].

(Continúa)

[illegible footnotes]

GUILHERMINA SUGGIA

A genial artista que, em Portugal e no estrangeiro, conta os seus triunfos pelo numero dos concertos com que tem maravilhado o publico.

A Criação da Geração Nova

(Continuação)

que formar-se em volta da ideia da nossa capacidade completa para criar uma civilisação ou, mais justamente, para chefiar a sua criação feita pelos povos ibericos dos dois continentes.

O principio critico geral que nos une é oposto ao que Moniz Barreto impoz e foi seguido até hoje, apesar de todos os dias ser desmentido pelos factos.

A certeza do genio nacional e o sentimento da sua complexidade são as primeiras e fundamentaes bases da geração nova.

4 — *A evolução que nos prepara.*

A certeza do genio nacional traz como corolario a aceitação da tradição, como [illegible] viva, em progresso constante, perpetuamente criadora.

Temos que ser profundamente tradicionalistas porque um genio nacional não é uma criação expontanea e rapida e não surge imediatamente no seu esplendor, em toda a sua capacidade realisadora. Um genio nacional perfeito, e capaz de criar, forma-se por lentas acumulações de valores, por escolhas lentamente feitas das influencias dos outros povos, das outras civilisações. Um genio nacional precisa de seculos em que nada do passado pode ser despresado, nem os supostos erros, para se formar completamente e chegar ao seu momento de acção universal. Ninguem pode criar por si, desligado do passado proprio á sua raça, á sua cultura nacional, ao seu genio de civilisação. Por isso o tradicionalismo e a cultura profunda das coisas portuguêsas representam para nós a defêsa das futuras criações. O tradicionalismo activo ajuda a nossa criação original.

Mas aquilo que habitualmente se chama tradicionalismo, e não é mais que a tentativa de ressurreição de epocas mortas, só pode ser prejudicial á nossa criação. Um neo-romantismo, um neo-garretteanismo, um neo-classicismo, são formulas da impotencia de certos valores em criarem segundo a sua epoca e segundo a verdadeira directiva da tradição.

Cada uma das epocas do pensamento português acumulou na nossa alma eterna mais uma qualidade, mais uma feição criadôra, para que emfim hoje possâmos realisar o universalismo espiritual das raças ibericas. Tudo o que não seja esta obra criadora, é repisar na obra já feita de acumulação de qualidades. E', talvez, aumentar mais certas qualidades da raça mas é tambem demorar a grande criação, já hoje possivel.

A geração nova tem que agrupar-se por isso em volta de mais dois principios fundamentaes — um tradicionalismo profundo e a repulsa de todas as falsas ressurreições das formas e dos pensamentos mortos, classicos ou romanticos. De resto a evolução que directamente nos prepara assim o comanda. Esse movimento cresce passo a passo para a possivel realisação de agora, para a criação de uma civilisação iberica, ou lusiada, para a defenir pela sua alma mais profunda que já começou a mostrar-se em Luís de Camões.

Ao periodo de regresso ao sentido pupular, tradicional, representado por Garrett e mais tarde por João de Deus, sucedeu o periodo critico, e periodo doloroso de criação espiritual (provinda da nossa propria dor e sofrimento, e portanto original) o periodo de Anthero do Quental. Vem depois o periodo de nacionalisação profunda desse pensamento pela comoção da terra e da paisagem, de dor da nossa vida nacional, ou em poemas tragico-epicos como a *Patria* de Junqueiro, ou no lirismo nacionalissimo de Antonio Nobre. E ao mesmo tempo, coexistindo quasi que paradoxalmente, vem depois um periodo, a que ainda em parte assistimos, em que, por um lado se desejam todas as novidades e modernismos, por outro se disciplina emfim o nosso pensamento português numa doutrina mental e social que é o nosso nacionalismo.

Coexistiram essas duas actividades como prefacio á possivel sintese de hoje.

Uma, a do *modernismo*, foi a necessidade de enriquecimento da nova alma antes da criação com todas as criações alheias e, por outro lado, o pro'duto inconsciente dos excessos de sensibilidade a que a nossa alma chegou. A outra actividade, a do *integralismo* (para defenir pela sua mais nova realisação uma tendencia que de longe vem) foi o produto consciente e talvez inconsciente por vezes, da vontade e do desejo de criar uma disciplina nacional da nossa mentalidade.

Ambas tendem, pela mutua penetração e compreensão, para a sintese portuguêsa que nos permite a grande criação propria, e original, ordenada pela nossa vida tradicional, mas inteiramente nova de actividade. Estas duas caracteristicas se podem por isso acrescentar á formação da geração nova: — a compreensão do modernismo e a aceitação de uma disciplina nacionalista. E assim acabam de defenir-se as condições todas em que a geração nova pode surgir.

5 — *O momento da geração nova.*

Assim pela obra a realisar e pelas influencias que a criaram se define a geração nova. Ela corresponde áquele agrupamento de energias que em volta destes principios fundamentaes se juntarem. Criar a geração nova é dar consciencia ás energias dispersas que podem vir a agrupar-se na criação. É repelir aqueles velhos e aqueles novos envelhecidos ou falsamente novos que não aceitarem esta disciplina, e este dever e esta inteligencia do momento.

Levantar uma bandeira de mocidade contra a velhice é ridiculo, se isso não representar uma obra e uma finalidade na criação a que pelas circunstancias e pelo nosso esforço nós estejâmos aptos a corresponder.

A geração nova quere dizer, (enquanto uma palavra não a vier defenir com outro nome) aquele grupo de energias conscientes e disciplinadas que aceitando a tradição, compreendendo o modernismo, sendo exclusivamente portuguesas, acreditando na nossa capacidade nacional e na maxima criação da hora que passa, a ajudem a realisar, ou a realisem já com as suas obras. A geração nova é só aquela parte (ainda que minima) dos novos, que aceitar o destino de contribuir para a criação de uma civilisação nova, de uma alma lusiada, de uma civilisação iberica que o mundo ainda não viu.

Esta é a obra iniciada já por alguns livros, ainda que poucos, esta é a obra a cumprir e sem a qual não vencemos o nosso destino. E todos aqueles que entre os novos a ela faltarem, são mais criminosos que os velhos que lho resistam.

O prefacio á obra da geração nova aqui fica como incentivo á sua multiplice criação. E tenhamos fé na obra realisadora dos novos, que, pela primeira vez em Portugal, afirmam a possibilidade de uma civilisação portuguesa.

JOÃO DE CASTRO

...questão da Sociedade Nacional de Belas Artes, de Antonio Ferro, in Seculo da Noite, de 11-12-21; A questão das Belas Artes, in Correio da Manhã, de 11-12-21; A Sociedade de Belas Artes, de Mario Domingues, in A Batalha, de 11-12-21; Sociedade das Belas Artes, in Imprensa da Manhã, de 11-12-21; O caso das Belas Artes, in Diario de Noticias, de 11-12-21; [illegible] ... etc., etc.

Ramón Gómez de la Serna

(ENSAIO)

Ao contrario de quasi todos os escriptores espanhoes, *Ramón Gómez de la Serna*, triunfou primeiro em Lisboa e depois em Madrid. A sua obra conta muitas dezenas de livros, folhetos, simples folhas de papel. Ha quem afirme que um dia, *Ramón Gómez de la Serna*, editará um livro — num livro de papel «zig-zag».

Grande parte da sua obra é ilustrada por Bartolozzi. São mulheres núas, feias, desconformes, gongozas, que ilustram muitos dos seus livros e muitas das suas melhores páginas.

Ramón é Madrid — Madrid nos cafés, no Pombo — a ultima tortulia por onde teem passado os grandes nas letras de Espanha, França e Portugal.

Na moderna literatura espanhola, *Pombo* é um grito, um simbolo de revolta. Possue um quadro, quasi academico, um livro, dois livros e milhares de artigos.

Ramón, é o grande malabarista das frases — é o senhor feudal das frases.

Toda a sua obra é retalhada, é construida em frases.

Greguerias, é o mais belo poema das pequenas coisas, das coisas que nada são e que, *Gómez de la Serna*, piedosamente recolheu.

Um dia *Chesterton*, vi-isto não sei em que livro, pensou escrever a tragédia dos objectos que cada um de nós tem nos bolsos e não escreveu, porque não teve tempo para o fazer.

Foi *Diez — Canedo* quem o disse: — virá proximo o dia em que esse livro aparecerá nas montras dos livreiros, escripto e desenhado por *Ramón*.

Greguerias, é o livro dos objectos que o mundo tem nas suas algibeiras. *Ramón* não se esqueceu de nenhum deles. E um livro para todos, porque todos encontrarão nele aquilo que desejarem.

Ha um livro na bibliografia de *Ramón Gómez de la Serna* que me entuziasma — *El Circo*.

Não sei porquê, sempre gostei do circo.

Nele tudo me prende e encanta.

Ramón colhe todas as emoções e as emoções que o seu pensamento compõe, exagéra e cria.

Quando recebo um volume de Espanha, advinho logo ser de *Ramón Gómez de la Serna*, porque la Serna publica livros todos os dias!

Ramón edita todos os dias e todos os dias envia livros para os seus camaradas de todas as partes do mundo.

Responde a todas as cartas e todas elas terminam com a mesma frase, eivada de sonho *camaraderia nel Arte*.

Ramón é o grande luctador das palavras.

Nunca, em outra literatura, apareceu um tipo de literato que fizesse com as palavras tantos malabarismos. Na sua vasta obra, mais de cincoenta volumes, as palavras amontoam-se, caminham; vencem, atordoam-se — um carnaval de frases que é dificil emitar ou pretender reproduzir. E' vertiginoso.

Um livro de *Ramón*, só um, tem mais frases que a obra completa de qualquer eskriptor moderno.

Domina as palavras. E' o maior domador de frases que conheço! São milhares e milhares que se amontoam em cima do papel. Os seus livros são avalanches.

Ramón é um humorista, um humorista requintado, diferente de todos os humoristas latinos.

E' um humorista transcendente. Não se póde catalogar E' preciso senti-lo.

Na sua obra o alegre e o grotesco misturam se, confundem-se, acompanham-se.

Ha nela o humorismo das coisas que ele anima, dá vida, torna diferentes e desenha com um grande requinte de sensibilidade.

Cada um dos seus dedos é um clown, que ele faz viver no grande e imenso circo da vida.

Querem uma amostra! Oiçam-no: *o peixe mais dificil de pescar é o sabão...*

Quando *Ramón Gómez de la Serna* escreve, os seus olhos abrem o mundo e nele passam os assumptos como num film que corresse vertiginosamente num ecrain de sonho.

Tudo o entretem. Tudo. Uma chaminé, uma cama, um cão embalsamado, um livro, um museu, um quarto, certo bilhete postal que viu nas mãos de um groom dum hotel, a conta da modista, o buraco da fechadura. Se quizerem, procurem na vasta obra de *Ramón* e encontrem tudo isto no indice dum livro e se o não quizerem fazer entrem nos *Greguerías*, abram em qualquer altura. E' um museu! Mais que uma casa bem sortida de *bric-à-brac!*

Nos *Greguerias* ha tudo, tudo quanto existe á nossa volta, que é tudo quanto existe na vida.

Ramón Gómez de la Serna, é um escriptor novo dentro de uma literatura velha.

Na rua é que parece igual aos outros, sempre com o seu eterno cachimbo e a sua cara redonda, que desmente o escriptor europeu e denuncía o espanhol.

Ramón Gómez de la Serna, tem um gabinete de trabalho — *Velazquez, 4, Madrid*. E' um complicado museu de raridades. Têm de tudo e todos os objectos expostos têm um sentido. O gabinete de *Ramón* é um mundo — um mundo em miniatura. Nele existem jarrões adormecidos, quadros, gravuras, azulejos, caricaturas, livros, jornaes, latas velhas, candieiros de todos os tempos, um manequim que o escriptor veste e despe todos os dias.

A um dos cantos o terrivel retrato de Viladrich, que ia originando uma conflagração europeia com séde em Madrid...

No tecto um cometa e umas andorinhas de madeira. Na mesa de trabalho uma pistola velha, de cabelos brancos — uma pistola reformada e outra em uzo, uma browning moderna.

Ramón, é um colecionador de seios femeninos.

Vêde o seu livro *Senos*. Muito antes de *Victor Margueritte*, lhes atribuir forma e feitio em *La Garçonne*, já *Ramón Gómez de la Serna* os tinha classificado, já *Gómez de la Serna* tinha imaginado os quadros sinopticos dos seios da mulher!

Foi *Alberto Hidalgo*, quem, numa admiravel crónica, publicada em Madrid, chamou a *Gómez de la Serna*, o unico prosador da Espanha de hoje, porque todos os outros o são do seculo passado. Fico a meditar um instante sobre esta frase e sinto que *Alberto Hidalgo* tem razão.

Formando na vanguarda de todos os seus contemporaneos, *Ramón*, é bem um escriptor de hoje, moderno e forte, que tem reduzido a vida a frases, que tem pacientemente feito a sintese da vida.

Procuro nos modernos escriptores espanhoes e não encontro outro que se assemelhe a *Gómez de la Serna*, o reformador da literatura latina.

Por muito exagerada que vos pareça esta observação, ela tem o seu fundamento e basta ler qualquer dos seus livros, e pricipalmente os ultimos, para sentirmos a necessidade de o admirar.

Muitos dos novos escriptores, aparecidos aqui e noutras cidades da Europa, são discipulos de *Gómez de la Serna*.

Muitos dos livros que nós admiramos são feitos sobre frases de *la Serna*, o pontifice da frase, o filosofo sintetico das pequenas coisas que nos rodeiam.

Fico a separar a vasta obra de *Gómez de la Serna* e pretendo cataloga lo nesta ou naquela escola.

Vou ás suas paginas e a minha sensibilidade discortina nestas, o filosofo, naquelas, o critico — neste livro, o jornalista.

Analiso qualquer destas personalidades e todas elas se encontram unidas e vivem intimamente.

Não sei se *Ramón* é um jornalista ou escriptor? Filosofo ou critico? Creio que um pouco de tudo. E' um impressionista. Os seus livros são apontamentos.

Os seus livros são impressões, detalhes, pontos fixos, pontos imoveis que os seus olhos detalham e os seus dedos, equilibristas de circo, escrevem e gravam duma maneira diferente de todos os outros.

Ramón é diferente em todos os livros — porque os seus livros são instantes.

RAMON GOMEZ DE LA SERNA

Tem um grande carinho pelos cafés, porque nos cafés existem as unicas associações em que o homem é igual ao homem, livre de todos os preconceitos, de todos os dogmatismos e oligarquias. As grandes cidades veem-se melhor atravez dos seus cafés.

Silhuetado o perfil raro do escriptor, estudemos a sua obra.

Os seus primeiros livros são folhas soltas, cartazes, gritos, alaridos que espantam os ultimos escriptores do novecentos.

Os meios literarios, os academicos, os cafés, desiquilibram-se, caiem em si.

Originam uma revolução e o nome do escriptor é pronunciado com mêdo e inquietação. Os jornaes guilhotinam-o com os seus ataques.

E' o precursor dos dadaistas e ultraistas.

E' o precursor do modernismo. Marinetti dedica-lhe o manifesto á Espanha, quando a Espanha não contava literariamente na Europa.

Estamos em 904. As suas folhas intitulam-se, *Entrando en fuego*. Produzem o efeito dum incendio.

Já em 904, quando Portugal delirava com os lugares comuns do romantismo piégas, a Espanha, é preciso não esquece-lo, possuia o revolucionario do *Entrando en fuego...*

Calculem vocês, que estão habituados a lêr nalgumas gazetas de Lisboa, ainda hoje, ataques aos modernistas, o que teria sido o aparecimento de *Ramón* em Espanha.

Todos o mordem. Muitos dos seus amigos intimos recusam-lhe a mão. E' considerado na roda dos escriptores pacatos e ronceiros, um louco — um louco perigoso que pretende transformar dum salto a literatura folhetinesca do século passado...

Seguem *Morbideces* (1907), *El libro mudo*, *Tapices*, *El teatro en soledad*. São livros que têm mais gestos que ideias, mais gritos que frases. Revolucionam e somem-se.

Atormentam, afligem, são cartazes berrantes, saltos de morte, em que o escriptor é um clown.

O artista encarrega-se da sua propaganda. Oferece-os, envia-os para a Europa. Os modernistas surgem e pegam-se a ele, imitam-no. Os seus livros são sementes.

Tem uma lucta gigantesca, porque os jornaes apegados a velhas e tradicionaes formulas não lhe anunciam os livros. Adormecem sobre as mezas das redações. Ha quem os não abra, receosos de encontrarem dentro das suas paginas bombas de dinamite.

Ramón, abre a floresta virgem do romantismo, a golpes de machado.

Depois mais livros...

Estudio del desnudo, em que firma o seu nome e obriga os criticos espanhoes, entre eles *Rafael Cansinos Assens*, a aplaudi-lo e a vigia-lo.

Os jornaes que o combatem pedem-lhe colaboração para que os seus leitores se divirtam com o louco, para que riam.

Cansinos Assens escreve:

Os invito a que leais de nuevo estas admirables paginas.

E' um livro formidavel. Nenhum escriptor, habituado á forma, seria capaz de o escrever ou sentir.

Ramón Gómez de la Serna, exgota o nú. As suas mãos de artista talham paginas duma beleza tão grande, que os outros, são obrigados a senti lo, a vê-lo. Pobres miopes.

A partir deste livro que o consagra, *Ramón*, apezar de recebido sempre com desconfiança, é considerado um escriptor. Os editores procuram-no e pagam-lhe as obras. O publico compra. Os jornaes, penitenciando se, publicam-lhe o retrato.

E' o seu primeiro triunfo. Os cenáculos abrem-lhe as portas.

Seguem-se, *Senos*, *El Circo*, *Greguerias*, *Muestrario*, o livro de que o escriptor mais gosta.

Entrevistado por um jornalista, comenta a sua entrada violenta nas letras.

— Sofri muito. Quando comecei a escrever, travei luctas atrozes, sanguinolentas. Os escriptores daquele tempo lançaram sobre mim o odio do publico. Fecharam-me todas as portas. Insultaram-me anonimamente. Caluniaram-me. Alcunharam-me de doido.

Depois plagiaram-me e porque tinham todos os jornaes pelo seu lado e eu só podia publicar uma vez por ano, a lucta foi gigantesca. O publico poderia imaginar que era eu quem os imitava e isso fazia-me sofrer horrivelmente!...»

Felizmente... *José Ortega y Gasset*, um dos poucos homens de valor intrinseco que existe em Espanha e uma das glorias da Europa, consagra-o e escreve:

— *Gómez de la Serna es uno de los pocos escriptores jóvenes a quienes se debe saludar con el sombrero en la mano.*

O triunfo. Dahi por deante, o escriptor, podia atirar os piores livros ao mercado, representar os mais horriveis dramas, assignar os mais estupidos artigos, entrar na real Academia, que tudo era igual.

Ortega y Gasset e *Azorin*, dois dos escriptores mais queridos da Espanha, tinham-lhe aberto o caminho da gloria, dando-lhe plena liberdade de ação, consagrando os seus livros.

O escriptor tinha obtido o meio de triunfar definitivamente: ser lido.

VAZQUEZ DIAS — Apontamento para um quadro

As *Greguerias*, descobrem em *Ramón*, o filosofo individualista, o humorista transcendente.

Gómez de la Serna, que nas *Morbideces* se retrata um escriptor dissolvente, aristocratico e anarquista, colado a *Sterne* e a *Nietzsche*, que conhece e sente toda a tragédia da vida e que proclama que de toda a actual literatura espanhola só ficarão algumas paginas de *Azorin*, regressa neste seu livro e anuncia a grandeza do cahos.

Igual a *Pio Baroja* e *Azorin*, inicia a sua carreira combatendo a literatura e reduzindo o seculo XIX a um monturo de cinzas.

Ramón Gómez de la Serna, lembra *Unamuno*, *el gran D. Miguel*, que foi e é um apaixonado cultor do paradoxo. Os seus primeiros livros, ficam distantes, o humorista subjuga o nihilista literario.

Segue-se o periodo criador.

El laberinto, *La utopia* são dois documentos dessa epoca.

Em 1915 faz nova edição das *Greguerias*, livro sintese, notavel pela diversidade de estilo — o que melhor define a nossa época, violenta, movimentada, cinematografica.

Este livro marca a mais forte expressão do impressionismo.

Uma *greguería* é um palco, passa nela toda a vida. Os dramas reduzem-se a manchas; os grandes movimentos da alma a simples traços. Duram um minuto em cada labio — um segundo em cada cerebro.

Defenir a *greguería*? Sim.

Uma palavra e um gesto, breve e rapido, entre a vida e a morte.

A *Greguería* é o instante. A nenhum outro escriptor conhecido fica melhor aquela frase lapidar, aquela frase sintese do primeiro escriptor mordernista portuguez, que a morte ceifou, *Mario de Sá Carneiro* — o fixador de instantes.

E' um afixador de cartazes! Sim. Mas acima de tudo, o fixador de instantes!

Seguem-se mais livros, *El doctor inverosimil*, *La viuda Blanca y Negra*, *Pombo*, *El Alba*, *Exhumacion de Oscar Wilde*, *El chalet de las Rosas*, *La malicia de las acacias*, *Cinelandia*.

La viuda Blanca y Negra, oferece-lhe Paris...

Neste momento, *Gómez de la Serna*, traduzido em francez, atravessa todos os paizes latinos.

Augusto d'ESAGUY.

S